

Os homens que vierem depois de nós avaliarão a nossa época por aquilo que lhes deixarmos de mais significativo. Como nós próprios o fazemos em relação aos que existiram há um ou há muitos séculos. Os testemunhos que nos legaram constituem, entre nós e as épocas em que viveram, como que janelas às quais podemos assomar, deixando-nos convencidos de estar diante da realidade sem pensar nas deformações que o vidro possa produzir. Nós não estamos mais do que a forjar o vidro através do qual havemos de ser observados, e até julgados. Se quisermos que, independentemente dos nossos defeitos ou qualidades, vícios ou virtudes, a posteridade faça do nosso tempo um julgamento justo, só uma coisa devemos pretender: que as expressões do espírito que ficarão a cons-

mo resultado mais do que desconfiança, egoísmo, ódio — indiferença, na melhor das hipóteses. Duas gerações sucessivas de jovens ficaram a saber mais a este respeito do que os homens mais experientes de muitas gerações anteriores lhes poderiam ter ensinado.

É este estado de espírito que o Homem contemporâneo tem de ter a coragem de exprimir através das obras que lhe perpetuem o génio criador. Que fique ao menos algo de verdadeiro, de sincero, seja embora duro, acusador — e mesmo por isso. E que se não pretenda atribuir às modernas manifestações do pensamento e da arte um papel dissolvente responsável pela apregoada decadência da nossa civilização. Está-se, apenas, intencionalmente ou não, a inverter os dados do problema. É essa decadência, resultante de

causas. É isto que temos obrigação de compreender. Se o compreendermos poderemos, talvez, como atrás referimos, encontrar em tudo isto uma hipótese de esperança (como seria possível interpretar de outro modo a intenção da Fundação Nobel ao atribuir o seu prémio de literatura a um escritor existencialista?). Mas para tal não podemos continuar a considerar como sendo as expressões significativas do nosso tempo, como os testemunhos da nossa época, as obras literárias ou artísticas que nos dão, no seu aspecto mais equilibrado, o harmonioso, o belo, o lírico. Não é que não tenhamos de as apreciar, se forem sinceras, como autênticas obras de arte, no seu sentido mais geral — diríamos melhor: obras criadoras —; o que não podemos é deixar de lhes recusar valor como expressões da nossa civilização, cujas características essenciais não são de modo algum a harmonia, o gosto pela contemplação, o lirismo, enfim, a paz espiritual. Quem, uns séculos mais tarde, pretendesse avaliar a época em que vivemos por tais obras, estaria, sem dúvida, a ser vítima de um logro. Começamos, nós próprios, por procurar não ter receio de distinguir entre aquilo que, dando-nos uma sensação de serenidade e equilíbrio, não tem afinal connosco nada de comum, e aquilo que, dando-nos uma sensação quase de culpa, faz parte de nós e nos aponta, através dessa mesma sensação, um caminho em que encontraremos a dignidade perdida. No primeiro caso é como se estivéssemos visitando um museu ou lendo um clássico — estamos de fora —; no segundo caso é como se estivéssemos «dissecando» a nossa vida de todos os dias — estamos «dentro» —.

Quanto mais dentro estivermos, mais transparente e puro será o nosso vidro.

João

Martins

Pereira

OS TESTEMUNHOS DE UMA ÉPOCA

tituir os testemunhos das nossas atitudes fundamentais, sejam coerentes com estas. As obras que um escritor dos nossos dias escrevesse subordinadas aos ideais e estilo da escola romântica, que no passado século teve os seus representantes mais admirados, poderiam ser consideradas como algo de válido na apreciação do pensamento e civilização actuais? Ninguém, de certo, ousaria responder com uma afirmativa. E, no entanto, a atitude de muitos homens de hoje levar-nos-ia a supô-los capazes de tal.

Fala-se em civilização moderna. Não nos parece exagerado estimar como um dos seus aspectos mais característicos o de um desprezo consciente pela pessoa humana. Não estaria, porém, completo este aspecto se o não associássemos a um propósito deliberado de mascarar esse desprezo com a aparência de um desinteresse e até de um espírito de sacrifício, tão poucas vezes sinceros. O Homem parece, cada vez mais, considerar o progresso material como um fim, e cada vez menos como um meio de adquirir equilíbrio espiritual. Segundo Daniel Rops existe a «noção de que a ciência, e especialmente a ciência aplicada, têm de realizar a felicidade sobre a Terra». E acrescenta que «o sonho de um paraíso tecnizado jaz no fundo das consciências». A dúvida está, afinal, em saber se, pelos caminhos que segue, o Homem não se estará aproximando mais de um inferno tecnizado.

Mas não será tudo isto apenas uma perspectiva demasiado sombria sobre uma civilização que, no fim de contas, está pronta, em cada momento, a afirmar as suas intenções de defesa dos valores morais? A lógica nos responde. Cinquenta anos como os últimos que a Humanidade atravessou (não nos interessa, por agora, ir buscar mais longe as razões que os terão levado a decorrer desta ou daquela maneira) não podiam deixar co-

outros factores, que obriga o Homem a exprimir-se de um modo que traduza a sua inquietação, a sua dúvida. Mas, se atentarmos bem, o Homem é precisamente o único animal capaz de inquietação e de dúvida. Então por que não admitir que, ao dar-lhes forma, ele tenha possibilidade de se reencontrar, de descobrir nelas o seu verdadeiro sentido, a sua grandeza, que existe para além das violências, das derrotas, das misérias?

Podemos facilmente encontrar exemplos sobre a relação de causa a efeito acima referida. Assim, se observarmos o modo como apareceram e evoluíram duas correntes geralmente apontadas como das de maior influência na degradação do espírito moderno, o surrealismo e o existencialismo sartriano, não nos custará a determinar o surto da primeira na linha geral do ambiente confuso e inquieto do período após a guerra de 14-18, bem como o acolhimento mais entusiasta às teorias expressas pela segunda nos anos, que ainda atravessamos, imediatos à guerra de 39-45. Parece-nos lógico inferir que a desorientação dos espíritos e a degradação humana não poderão ser atribuídas a tais correntes de pensamento, mas sim aos referidas conflitos, que constituíram um choque profundo nos conceitos assentes de dignidade humana, de solidariedade, de respeito mútuo, que o Homem, de repente, viu atirados ao esquecimento e ao desprezo. Viu-se o Homem, de um dia para o outro, capaz de todas as violências, de todas as perversões, dos actos mais abjectos e sem sentido. Todos os seus princípios caíram. E daí resultou a desorientação, a falta de confiança em si próprio e nos valores espirituais que julgava representar. Sentiu-se um objecto, um instrumento — mais, um destroço. Foi no meio deste caos que surgiram aquelas atitudes, uma de evasão pelo irracional, outra de aceitação pelo desespero consciente, como conseqüências e não como

IMPRESA UNIVERSITÁRIA

O ano académico que agora vivemos, tem sido marcado por alguns acontecimentos que são consoladores sinais de uma nova orientação da Juventude Universitária. Entre esses, talvez o mais significativo seja a expansão da Imprensa Universitária. Ao lado de «Encontro», «Via Latina» e «Briosa» vão-se alinhando novos elos, primeiro «aeist», depois «ORFEON», agora «PAIDEIA» e em breve «Quadrante» órgão, da Associação da Faculdade de Direito de Lisboa.

Porque também sentimos que «os universitários necessitam um maior convívio entre si e esse convívio pode ser obtido, em boa parte, através de uma imprensa», porque também cremos no valor formativo e na «vasta latitude de acção e no grande poder difusor de um jornal universitário «regozijamo-nos com a publicação de «ORFEÃO», e de «PAIDEIA», na certeza de que eles virão a ser um reflexo do Pensamento Universitário português.